

A BOLSA NO COTIDIANO FEMININO

The handbag in women's everyday

Cristina Schiavon Garbelotto

(Mestre em Moda, Cultura e Arte – SENAC/SP – crisgarb@ig.com.br).

Resumo

Este artigo vem mostrar a relação entre as bolsas e o espaço social ocupado pelas mulheres nas classes médias da grande São Paulo. Pudemos perceber, através de levantamento histórico, que nem sempre esse objeto esteve tão presente no cotidiano feminino como na atualidade, sendo essa presença relacionada com a vasta ocupação do espaço público por essas mulheres.

Palavras-chave: Bolsas, mulheres, espaço público.

Abstract

This article shows the relationship between handbags and social space occupied by middle class women in the greater Sao Paulo. From an historical survey, we could see that this object was not always so present in women's daily life as nowadays, and its presence is related to the extensive occupation of the public space for these women.

Keywords: Handbags, women, public space.

Introdução

Na atualidade, a bolsa mostra-se fortemente presente no cotidiano feminino do mundo ocidental. Na grande São Paulo, local onde circulo diariamente, não é necessário esforço para constatar que nas ruas ou em espaços públicos, a maioria esmagadora das mulheres está sempre acompanhada de ao menos uma – isso quando não carrega duas ou três ao mesmo tempo. Este acessório, complementar da vestimenta, tornou-se uma necessidade feminina como consequência do estilo de vida ativo de mulheres atuantes no espaço público como profissionais das mais diversas áreas.

Mas quando e por que, torna-se tão essencial à rotina delas? Temos a impressão de que sempre fez parte de seu universo, mas seria essa impressão

verdadeira? As obras de arte, os livros de história da moda, as ilustrações contidas neles nos mostram que não.

Assim, pontuaremos na história os modos de usos da bolsa, por homens e mulheres, para entender como esses usos mudaram e como essa peça está ligada a alguns ambientes ou situações sociais que explicitam as transformações no espaço social ocupado pelas mulheres e em seu estilo de vida. Apontaremos, ainda, que em determinado período a bolsa tornou-se um objeto prioritariamente do “segundo sexo”. Como método, usamos pesquisa bibliográfica em autores que tratam sobre história da moda - como Boucher, Köhler e Laver - e em autoras que tratam sobre história da bolsa - como Johnson e Wilcox. Buscamos também fotografias de obras de arte onde esse acessório pudesse ser notado.

Sempre feminina?

A peça mais antiga que aparece no livro *Handbags* data do século V (JOHNSON, 2002, p.XIX) e, segundo a autora, já era utilizada do mesmo modo como seria até o fim do século XVIII, ou seja, amarrada na cintura. Segundo Johnson “Durante a Idade Média, as bolsas eram andróginas, sendo separadas apenas por pequenas variações de ornamentos e conteúdos peculiares para cada sexo”. (2002, p. XX)¹.

Até meados do século XVIII esse acessório era utilizado indistintamente por homens e mulheres das elites, sendo sempre pequeno e pendente da cintura. Bolsas grandes nesse período eram utilizadas apenas por trabalhadores das classes baixas, afinal o que uma dama ou um cavalheiro das cortes precisaria carregar? Até então as bolsas eram, quase sempre, objetos que serviam para ostentar riqueza ou demonstrar generosidade, como na Idade Média quando os indivíduos das elites distribuíaam as moedas contidas nesses pequeninos “enfeites”, nas saídas das Igrejas.

Anna Johnson aponta o século XVII como a época em que os homens passam a utilizar somente os bolsos e as mulheres uma bolsa externa que ficava amarrada na cintura. Porém o objeto somente ganha visibilidade e passa a pertencer apenas à esfera do feminino quando acrescenta-se a ele uma

¹ Tradução da pesquisadora.

corrente, surgindo a primeira *handbag* ou bolsa de mão apenas no fim dos anos de 1800. À essa foi dado o nome “reticule” e o acessório era tão comum que finalmente os textos verbais² trazem informações sobre um tipo de bolsa. Antes disso mesmo as bolsas aparecendo nas imagens, os principais historiadores de moda sequer citam a existência desse objeto. E o fato ocorre também entre os que descrevem detalhadamente a indumentária, desde tipo e desenho da modelagem, passando por tecido utilizado, técnica de costura, até os detalhes dos leques e sapatos, como faz Carl Köhler (2001). Encontramos muitas imagens mostrando o uso das reticules no período.

Diversos fatores possivelmente tornaram a bolsa mais visível e influenciaram um maior uso no século XIX. Um deles foi a possibilidade de senhoras e senhoritas saírem mais às ruas, não obstante a legitimação do espaço privado como ambiente feminino. Diversos autores mostram como a identidade feminina estava ligada ao espaço e às tarefas domésticas.

Preocupada em confinar as mulheres em seu interior, a ideologia moderna se esforçou para promover o trabalho do lar, dignificar uma ocupação considerada tradicionalmente inferior, glorificar o “anjo doméstico”. (LIPOVETSKY, 2000, p.216).

A mulher foi criada para a família e para as coisas domésticas. Mãe, dona de casa, esta é a sua vocação, e nesse caso ela é benéfica para a sociedade inteira (...). (PERROT, 1998, p.9).

Apesar dessa identificação com o espaço privado, era permitido às damas circular por locais públicos durante o dia em passeios ou compras. À noite uma senhora da sociedade somente deveria sair acompanhada por seu marido, pai ou parente próximo. Para Perrot, “Um cenário urbano saturado de figuras femininas, esta já é a marca do século XIX.” (1998, p.15).

Assim, o emprego do acessório é reforçado nesses ambientes das grandes cidades européias e de colônias que já nutriam interesse pela moda. Afinal, bolsas não tem tanta utilidade em casa, onde os objetos necessários à rotina ficam guardados em penteadeiras ou armários que podem ser facilmente alcançados.

² Utilizamos o termo “texto verbal” como forma de diferenciação, visto que em nossa pesquisa consideramos as imagens como “textos visuais”.

No Brasil, encontramos mulheres da sociedade do Rio de Janeiro utilizando pequenas bolsas de mão no estilo das reticules na obra de Debret a seguir.

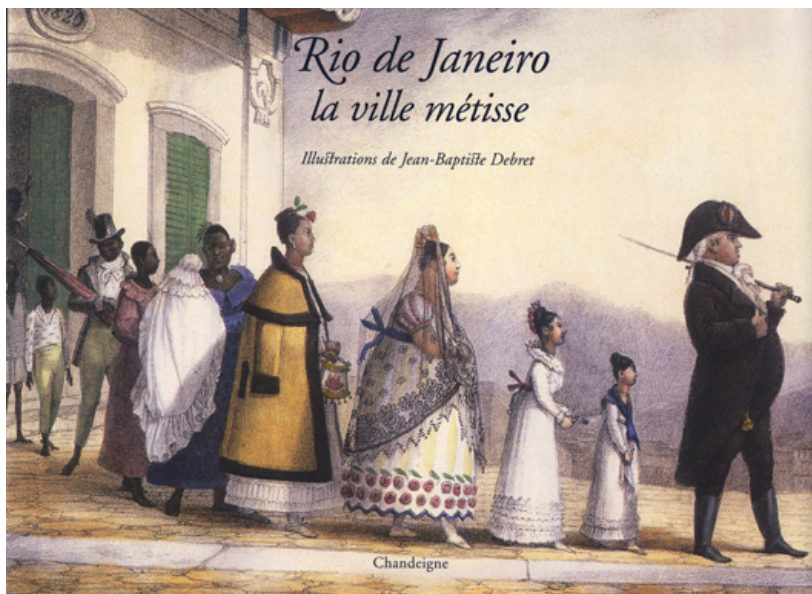


Figura 1 - O Rio de Janeiro do século XIX na visão de Debret. (Fonte: <http://www.freewebs.com/cabare6/pgina2.htm> - acesso em 11/12/2007).

Pudemos notar em passagens de *A cidade e a moda* de Maria do Carmo Rainho que as brasileiras começavam a circular pelas cidades, principalmente no Rio de Janeiro, frequentando a rua do Ouvidor para fazer compras, indo a hotéis, teatros e bailes. Como diz a autora,

Mulheres educadas, instruídas, freqüentadoras do espaço público das ruas, ávidas por informações sobre as novidades da moda e as vestimentas adequadas às ocasiões – este era, grosso modo, o perfil da leitora dos jornais de moda do século XIX. (RAINHO, 2002, p. 86).

Tanto Rainho quanto Perrot destacam a diferenciação de gênero, levantando ainda a importância da distinção social explicitada na vestimenta da época. Gêneros e classes sociais não deveriam de forma alguma ser confundidos.

(...) se associamos moda e distinção social, podemos associá-la também a distinção sexual, pois a moda no século XIX refere-se

basicamente à mulher. Vimos por meio dos veículos pesquisados que a moda era não somente atributo de classe, mas também um atributo do sexo feminino, não justificando que os homens se preocupassem com ela. (RAINHO, 2002, p. 154).

A burguesia reproduz esse modelo segundo uma divisão de papéis sexuais que delega às mulheres a ostentação do luxo e do lazer. Homens ocupados, sem tempo, vestidos de negro – só os *dandies* se permitiam o refinamento dos acessórios – contrastam com mulheres ociosas e entregues a uma mundanidade tão frenética quanto ridicularizada. É preciso ter um salão, ter seu próprio dia, freqüentar o dos outros, numa circularidade rodopiante, obedecer aos códigos indumentários de uma moda exigente, sobre a qual já reinam os grandes costureiros, organizadores do espetáculo, usar jóias que, como um estandarte, proclamem a riqueza do marido. (PERROT, 1998, p.22).

A bolsa, então, encaixa-se perfeitamente aos propósitos de distinção social e de gênero do século XIX. Distinção social, visto que apenas as damas mais abastadas de uma sociedade poderiam tirar proveito delas - os movimentos eram limitados por segurá-las na mão e o custo de uma dessas peças era ainda muito alto. Por fim, distinção de gênero, visto que se tornara feminina desde o século XVII.

A bolsa de trabalho

Como vimos, desde o começo do século XIX as mulheres circulavam no espaço público quase sempre portando uma pequena bolsa. As oportunidades de sair às ruas eram cada vez mais frequentes, apesar da identidade feminina ser ainda associada apenas ao espaço interno/privado em oposição ao homem ocupante do espaço externo/público. Usando as palavras de Perrot, “Para os homens, o público e o político, seu santuário. Para as mulheres, o privado e seu coração, a casa.” (1998, p.10). As mulheres de “certa condição”, como descreve a autora, tinham como locais de sociabilidade os grandes magazines, o salão de chá e a igreja. As de classes populares circulavam mais livremente e podiam encontrar-se nas ruas, no mercado e na lavanderia.

Para Lipovetsky, as mulheres das classes operárias já ocupavam algumas posições específicas no mercado de trabalho no fim do século XIX,

porém não eram posições de prestígio e deveriam trabalhar apenas nos casos estritamente necessários à renda familiar. A maioria das trabalhadoras abandonava essa função após seus casamentos. Quando tornavam-se mães passavam a dar prioridade aos cuidados domésticos.

A partir do século XIX, o processo de industrialização favoreceu a extensão do trabalho feminino assalariado (...). O trabalho das mulheres é no mais das vezes temporário; quando têm filhos, abandonam o trabalho em tempo integral em favor de atividades de complementação, de trabalhos na vizinhança ou em domicílio. (...) Na burguesia, o assalariamento feminino causa horror como sinal de pobreza. (LIPOVETSKY, 2000, p. 205)

Apesar do movimento pela emancipação feminina, antes da década de 1960 a identidade da mulher como mãe e responsável pelo lar é ainda bastante forte. “Na realidade, no período entre as duas guerras, o estereótipo da mãe no lar é quase incontestado, (...). Os anos 50 serão o último momento e o retardo desse ciclo”. (LIPOVETSKY, 2000, p. 209). O reconhecimento social feminino se dava pela capacidade de ser boa mãe e esposa, zelosa nos afazeres domésticos.

A partir dos anos 60, com o advento da cultura jovem, largamente discutida por estudiosos, tradições foram postas em questão, causando uma revolução nas sociedades ocidentais. Essa revolução alterou também a posição das mulheres das classes média e alta que começam a estudar tanto quanto os homens iniciando uma vagarosa entrada no mercado de trabalho. Dessa maneira, “um novo ciclo histórico se estabelece nas sociedades democráticas: o da mulher no trabalho.” (LIPOVETSKY, 2000, p. 204). Assim, após duas décadas de transformações, o início dos anos 1980 é marcado pela participação definitiva da mulher no mercado de trabalho, mesmo em postos considerados masculinos, realizando uma mudança na identidade social feminina.

Na virada do século XX para o XXI, a grande questão era conciliar os papéis profissional e familiar. As mulheres não abdicariam de sua independência financeira, porém ainda queriam se dedicar a seus filhos e maridos. O conceito de “terceira mulher”, proposto por Lipovetsky, encaixa-se à

mulher que mantém os cuidados ao lar e à família, porém é identificada também pela profissão ou por sua ocupação no espaço público. “(...) viver à espera e à sombra do homem, sacrificar-lhe estudos, atividade profissional, autonomia financeira deixou de ser patente.” (LIPOVETSKY, 2000, p. 34). A terceira mulher, ao contrário do que esperavam as feministas, não se tornou igual aos homens, ela passou a acumular funções e responsabilidades, agora é mãe, esposa e profissional.

Um novo valor é dado à mulher que trabalha e é independente. O que antes não era visto com bons olhos, passa a ser desejável. Essa trabalhadora ganha *status* de bem sucedida. Portanto, a bolsa de trabalho, que antes era considerada deselegante e que deveria ser utilizada apenas por camponeses, ganha um novo significado. Transportar seus pertences em pacotes, como faziam as operárias da década de 1940, não seria adequado à profissional com formação universitária. Com a mulher cada vez mais ausente de casa surge a necessidade de uma bolsa resistente e espaçosa e à medida que as responsabilidades femininas aumentam, esses acessórios vão se tornando cada vez maiores.

Segundo Claire Wilcox (1998), nos anos 70 o uso de bolsas de ombro, grandes e de couro macio, já era moda e, apesar de ser influenciada pela bolsa étnica da década anterior, era urbana e servia às trabalhadoras. Apesar da grande variedade de estilos, tamanhos e materiais de bolsas produzidas nas últimas quatro décadas, essa moda continua em voga até a atualidade.

Assim como bolsas pequenas são associadas à elegância desde o uso das *almoners* (pequenas bolsas usadas pela nobreza na Idade Média), uma grande denota que seu portador(a) é um trabalhador(a). Uma bolsa pequena poderia ser suficiente para transportar os pertences em um passeio rápido fora de casa até o século XIX. Porém um dia inteiro de trabalho profissional e responsabilidades com o lar e os filhos a partir de meados do século XX exige que a mulher transporte significativamente mais objetos, sendo necessária uma bolsa maior.

De acordo com Wilcox (1998), as senhoras das elites antes da segunda guerra mundial jamais carregariam exemplares grandes, pois isso seria demonstrar pertencer a uma classe inferior pela ausência de empregados que transportassem seus pertences mais pesados. Com a valorização do trabalho

feminino, a mulher, mesmo das classes médias e altas, precisa ser mais independente e menos frágil mostrando sua capacidade de competição num espaço antes apenas masculino. Por consequência, mesmo as elegantes, passaram a carregar suas grandes bolsas abarrotadas com diversos tipos de objetos.

Como demonstramos, a identidade social feminina atual é formada pela junção de papéis que cumpre nos espaços privados e públicos – é a “terceira mulher”. Dessa forma objetos relacionados às necessidades dos filhos e maridos podem ser encontrados no interior das bolsas de trabalho misturados a outros relacionados à profissão e aos cuidados pessoais da portadora.

Os objetos essenciais como documentos, dinheiro, chaves de carro, de casa e celular são conteúdos imprescindíveis para a bolsa de trabalho. Porém, a possibilidade de carregar mais volume faz com que esse tipo contenha maior diversidade de objetos como guarda-chuvas, carteiras, estojos de canetas, de maquiagem, necessários com cosméticos, produtos para higiene pessoal, medicamentos, pequenos cadernos, câmeras fotográficas e/ou uma infinidade de outros itens. Os fatores que mais influenciam o conteúdo, nesse caso, são a profissão da portadora, se tem filhos pequenos, o clima da cidade onde mora e o tempo que passa longe de sua residência.

De acordo com os relatos coletados durante a pesquisa³, as mulheres parecem ter a impressão de que se deixarem algo em casa, este será justamente o dia em que esse algo será necessário. Como consequência, a bolsa de trabalho contém todo tipo de objeto que sua usuária julgar importante, mesmo que pareça fútil para outra pessoa.

Uma bolsa grande apoiada no ombro denota uma portadora prática, independente, ativa, ocupada e cheia de responsabilidades. A mulher no cotidiano profissional, muitas vezes, se encaixa exatamente nesse perfil. Ela precisa de uma peça que externe profissionalismo, mas que tenha espaço interno para incluir sua vida pessoal e familiar.

³ Durante nossa pesquisa de mestrado, entre maio de 2007 a aproximadamente outubro de 2008, conversamos informalmente com mulheres de diversas idades e regiões da Grande São Paulo sobre o objeto bolsa. Comumente o tema desperta interesse e os relatos surgiram sem a necessidade de formularmos questionamentos.

Referências

BOUCHER, François. *A history of the costume in the west*. New York: Thames and Hudson, 1987.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe gênero e identidade das roupas*. Trad. Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

JOHNSON, Anna. *Handbags: the Power of the purse*. New York: Workman Publishing, 2002.

KÖHLER, Carl. *História do vestuário*. 2. ed. São Paulo: Martin Fontes, 2001.

LAVIER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito da roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WILCOX, Claire. *A century of style: bags: icons of style in the 20th century*. London: Apple Press, 1998.